

RESUMO EXPANDIDO
XXVI Congresso de Iniciação Científica

PERCEPÇÃO DOS PROFESSORES SOBRE OS ACOMPANHANTES TERAPÊUTICOS DE CRIANÇAS COM TRANSTORNO DO ESPECTRO AUTISTA (TEA) NAS ESCOLAS

Bruna Maria Bianchi Delatore Borsari¹

Nathália Segundo da Silva²

Bruno Vieira de Macedo Cortes³

1. Discente do curso de Psicologia; e-mail: brunadelatore@gmail.com
2. Discente do curso de Psicologia; e-mail: segundonathalia@gmail.com
3. Docente na Universidade de Mogi das Cruzes; e-mail: brunocortes@umc.br

Área de Conhecimento: Ciências da Saúde

Palavras-Chave: Percepção; Transtorno do espectro autista; Análise de comportamento; Acompanhamento terapêutico.

Como citar:

Borsari BMBD, da Silva NS, Cortes BV de M. Percepção dos professores sobre os acompanhantes terapêuticos de crianças com transtorno do espectro autista (TEA) nas escolas. Revista Científica UMC [Internet]. 27 de outubro de 2023;8(2):e080200005.

Disponível em: <https://seer.umc.br/index.php/revistaumc/article/view/1868>

Fluxo de revisão: o presente resumo expandido foi revisado por pares pela comissão do evento.

Recebido em: 11/09/2023

Aprovado em: 26/10/2023

ID publicação: e080200005

DOI:

Licença CC BY 4.0 DEED

INTRODUÇÃO

O Transtorno do Espectro Autista (F84.0), com base no DSM-V, traz déficits persistentes na comunicação verbal e não verbal e interação social, reciprocidade emocional, manter, desenvolver e compreender relacionamentos, ausência de expressões, contato visual, busca por pares, compartilhar e brincadeiras imaginárias. Assim como, estereotípias, movimentos repetitivos com uso ou não de objetos, inflexibilidade, interesses fixos em algo, hiper ou hiporeatividade a estímulos sensoriais. Os sintomas aparecem precocemente no desenvolvimento, mas podem ser mascarados por aprendizados durante a vida do indivíduo, podendo causar prejuízos significativos no quesito social, profissional e outras áreas importantes da vida do indivíduo. A gravidade se baseia de acordo com a repetição e restrição dos comportamentos padronizados e comunicação social.

O acompanhante terapêutico (AT) atua com foco no desenvolvimento de habilidades da vida diárias de seus clientes, auxiliando na sua autonomia. E este profissional precisa ter um repertório clínico aprimorado. O AT tem como função primordial elaborar estratégias que possam contribuir com o processo de desenvolvimento daquela pessoa fora do setting clínico, de modo a se adequar a realidade e o contexto em que ela está inserida, incluindo questões relacionadas a socialização no ambiente escolar e em todos os outros que for inserido. (PITIÁ E FUREGATO, 2009). Hodiernamente o campo dos acompanhamentos terapêuticos tem sido algo de suma importância e constante procura dentre as demandas de intervenções na área da saúde, podendo englobar diversos subsistemas, incluindo a psicologia em necessidades especiais e suas práxis. (SERENO, 2006).

Segundo Beltramello e Kienen (2018), a Análise do Comportamento, favorece o ramo do acompanhamento terapêutico a partir de observações e análises funcionais feitas no próprio ambiente em que o comportamento ocorre, facilitando assim as intervenções a serem realizadas. A Análise do Comportamento Aplicada enaltece o comportamento alvo de acordo com a sua relevância para o cliente ou para o ambiente em que ele está inserido, e as intervenções são inteiramente controladas, mostrando assim, a incontestabilidade das mudanças sociais adquiridas com elas. (BELTRAMELLO-KIENEN, 2018).

Camargo e Rispoli (2013), salientam que uma intervenção baseada na Análise do Comportamento Aplicada (ABA), vão identificar os comportamentos e habilidades disfuncionais, por exemplo numa criança autista irá trabalhar nas habilidades sociais, interações com professores, outras crianças, pais; delimitando objetivos e comparando durante todo processo, a evolução daquele cliente, o que acaba se tornando satisfatório, já que

crianças autistas costumam gostar de rotinas, padrões, planejamentos e atividades mais estruturadas.

Dentro do âmbito escolar, o acompanhante terapêutico (AT) ingressa como um facilitador para as crianças com alguma deficiência física ou mental, auxiliando-as com as demandas necessárias dentro ou fora da sala de aula, sendo o foco principal as crianças com Transtorno do Espectro Autista (TEA) (CHAUÍ-BERLINK, 2010).

METODOLOGIA

Estudo transversal, de natureza aplicada, com objetivo exploratório, procedimento netnográfico e delineamento de levantamento. Aprovado no Comitê de Ética em Pesquisa com Seres Humanos CAAE 47184921.7.0000.5497.

Participaram da pesquisa 14 professores voluntários, que trabalham ou já trabalharam com o AT em sala de aula para acompanhar crianças com TEA. De acordo com os critérios de inclusão e exclusão, todas as professoras voluntárias que participaram da pesquisa, fizeram parte das análises no projeto.

Foram disponibilizados, por meio da Plataforma Google Forms, o link para acesso ao Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE), ao questionário sociodemográfico e ao questionário sobre a percepção do AT de crianças com TEA nas escolas.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Os Acompanhantes Terapêuticos trabalham diretamente com as mudanças comportamentais das crianças com TEA. A percepção dos professores diante dessas mudanças está muito voltada para a diminuição dos comportamentos inadequados e estereotípias, que muitas vezes algumas pessoas têm maior dificuldade em lidar com tais comportamentos. Dez dos quatorze professores participantes da pesquisa, responderam que é satisfatório o resultado referente às mudanças nos aspectos de socialização, autonomia e comunicação dessas crianças, que muitas vezes precisam da modelação que ocorre por meio de um modelo oferecido para a criança e modelagem que é o reforçamento para obter um comportamento desejado, para adquirir estes repertórios e devido ao grande volume das salas de aula, muitas vezes os professores não conseguem dedicar seu tempo para ajudar no desenvolvimento destas habilidades.

É compreendido que o professor veja como sua tarefa dentro de sala de aula a execução das atividades acadêmicas com as crianças, percebendo assim, auxílio do AT em outros

comportamentos durante o acompanhamento na escola. Outros professores voluntários participantes da pesquisa acreditam que atividades da vida diária e manejo dos comportamentos inadequados, também sejam papel do professor responsável pela turma e não algo designado somente ao AT. Assim como, dois participantes acreditam que o AT tem função na qual não deveria executar, percebendo assim o auxílio do AT em todos os comportamentos que sejam necessários para a criança dentro da escola.

A maior dificuldade apresentada pelos professores voluntários participantes da pesquisa, foi o manejo dos comportamentos inadequados, que podem variar sua função, sendo apresentados de diversas formas, como foi citado pelos professores os comportamentos auto lesivos, heterolesivos, jogar objetos, fugas do ambiente, entre outros, tendo em vista que muitas vezes o professor precisa acompanhar todos os outros alunos da classe e não consegue realizar um manejo adequado para tal comportamento. Outra resposta com maior pontuação, é referente à compreensão da criança com TEA das atividades passadas, nem todas as crianças com TEA tem dificuldade na compreensão das atividades, mas algumas precisam de um tempo maior e de adaptações de atividades para melhor compreensão, o que dificulta também apenas para o professor, que precisa dividir sua atenção com o resto da classe. Questões de socialização de forma geral e estereotípias, não tiveram pontuações altas, que são comportamentos, assim como todos os outros, que não são padrões em todas as crianças com TEA, então a variabilidade de respostas depende também da experiência vivida por cada professor.

Das quatorze pessoas que participaram da pesquisa, duas delas se anularam em responder à questão em relação a percepção do AT de crianças com TEA dentro da sala de aula, e a grande maioria delas concordam que a presença do AT em sala de aula é um fato de grande importância devido ao auxílio ao professor com os manejos específicos e estimulando o ensino aprendizado das crianças, manejando também questões sociais para que a criança tenha uma maior interação e habilidades sociais com as outras crianças, incluindo em todas as atividades e desenvolvendo a autonomia no seu cotidiano. Somente um dos participantes respondeu que é algo relevante desde que não interfira no trabalho do professor em sala, tal afirmativa demonstra ainda certa rigidez de alguns professores no que diz respeito a prática do trabalho do acompanhante terapêutico, o que dificulta no manejo dos profissionais em algumas situações do cotidiano.

Referente as questões sobre o futuro das crianças, doze dos quatorze participantes responderam à pergunta afirmando que a expectativa é que elas possam ter um grande avanço no desenvolvimento em aspectos de autonomia e aprendizagem para que possa facilitar no ensino em ambientes acadêmicos e para que isto seja utilizado também no cotidiano gerando maior independência, levando em consideração os limites de cada

indivíduo, respeitando o tempo de desenvolvimento e aprendizagem. Outro aspecto relevante, é que a participação da família, é algo de suma importância para que o desenvolvimento seja ainda mais eficaz, intercalado com o manejo dos profissionais e especialistas da área.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Mediante a pesquisa realizada para entender qual a percepção dos professores sobre os acompanhantes terapêuticos em sala de aula, pode-se observar que o AT auxilia de maneira ampla e intensificada nas questões relacionadas a manejo de comportamentos inadequados com crianças autistas, mediando a diminuição de tais comportamentos.

Os resultados da pesquisa evidenciaram que a grande maioria dos professores acreditam que o trabalho do AT é satisfatório nas classes evidenciando a modelagem dos comportamentos inadequados, a socialização, a autonomia e a comunicação, todavia foi observado que um dos professores participantes respondeu que é algo relevante desde que não interfira em seu trabalho na classe, demonstrando certa rigidez no que diz respeito ainda a presença do acompanhante terapêutico. A hipótese para rigidez é por alguma experiência ruim que o professor teve com algum acompanhante terapêutico em sala de aula, onde se tornou mais rígido em relação a presença de outro adulto em sala de aula, de certa forma, mesmo que em apenas alguns momentos, interferindo em seu trabalho, visto que, em determinadas situações o AT precisa realizar manejos de comportamentos que envolvem o trabalho do professor ou da sala de aula como um todo. Entretanto, não foi possível analisar de maneira amplificada as questões atreladas a esta rigidez, sendo algo para que futuras pesquisas possam analisar.

Desde modo, torna-se evidente que hodiernamente o AT dentro das salas tem um papel de suma importância, onde o mesmo ajuda no desenvolvimento da criança, assim criando uma série de possibilidades de grandes avanços no desenvolvimento futuro da criança e possibilitando maiores inserções sociais.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BELTRAMELLO, Otávio & Kienen, Nádia. (2018). Acompanhamento Terapêutico: Características de classes de comportamentos constituintes dessa atuação do psicólogo no Brasil. Disponível em: https://www.researchgate.net/profile/Otavio-Beltramello/publication/340233952_Acompanhamento_Terapeutico_Caracteristicas_de_clases_de_comportamentos_constituintes_dessa_atuacao_do_psicologo_no_Brasil/links/5e7e2022299bf1a91b825e30/Acompanhamento-Terapeutico-Caracteristicas-de-classes-de-

comportamentos-constituintes-dessa-atuacao-do-psicologo-no-Brasil.pdf. Acesso em: 16 de maio de 2022.

CAMARGO, S. P. H.; RISPOLI, M. Análise do comportamento aplicada como intervenção para o autismo: definição, características e pressupostos filosóficos. *Revista Educação Especial*, [S. l.], v. 26, n. 47, p. 639-650, 2013. DOI: 10.5902/1984686X9694. Disponível em: <https://periodicos.ufsm.br/educacaoespecial/article/view/6994>. Acesso em: 16 de maio de 2022.

CHAUÍ-BERLINCK, Luciana. O Acompanhamento Terapêutico e a Formação do Psicológico: Por uma Saúde Humanizada. *Arquivos Brasileiros de Psicologia*, vol. 62, núm. 1, 2010, pp. 90-96. Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, Brasil. Disponível em: <https://www.redalyc.org/articulo.oa?id=229016557010>. Acesso em 10 de maio de 2022.

Manual diagnóstico e estatístico de transtornos mentais: DSM-5. 5. ed. Porto Alegre: Artmed, 2014.

SERENO, Debora. Acompanhamento Terapêutico e Educação Inclusiva. *Psychê Revista de psicanálise*, vol. x, núm. 18, setembro, 2006, pp. 167-179. Universidade São Marcos, São Paulo, Brasil. Disponível em: <https://www.redalyc.org/articulo.oa?id=30701816>. Acesso em 10 de maio de 2022.